

FILOSOFIA CLÍNICA

anotações e reflexões
de um consultório

Hélio Strassburger

FILOSOFIA CLÍNICA

anotações e reflexões
de um consultório

Ilustrações de Márcia Baroni



Editora Sulina

Copyright © Hélio Strassburger, 2021

Capa: Like Conteúdo (Sobre imagem de Márcia Baroni)

Editoração: Katte Produções

Preparação dos originais e revisão: Vânia Möller

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

S897f Strassburger, Hélio
Filosofia clínica: anotações e reflexões de um consultório /
Hélio Strassburger. – Porto Alegre: Sulina, 2021.
335p.; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-042-3

1. Filosofia . 2. Psicologia Social 3. Psicologia Clínica.
4. Psicologia. I. Título.

CDU: 101
159.9
CDD: 100
150
610.1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana
CEP: 90620-100 – Porto Alegre, RS – Brasil
Tel: (51) 3110 9801
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2021}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*“Qual é esse projeto secreto, inacessível e inexistente
cuja pressão constante exerce, de fato, sobre os homens, e
particularmente sobre os homens problemáticos, os criadores,
os intelectuais, que estão, a cada instante, como que
disponíveis e perigosamente novos?”*

Maurice Blanchot

Sumário

- 9 | Prefácio
- 13 | Introdução
- 22 | Notas preliminares
- 62 | Sobre exames categoriais
- 72 | Sobre estrutura de pensamento
- 94 | Sobre procedimentos clínicos (submodos)
- 126 | Anotações de aprendiz
- 252 | Registros de fragmentos clínicos
- 268 | Descrituras
- 296 | Bilhetes premiados
- 304 | Filosofia Clínica no *Café Filosófico*
- 320 | Entrevista ao professor e historiador Diego Baroni Menegassi.
- 329 | Referências Bibliográficas
- 333 | Filmografia

Prefácio

A presente obra é resultado de pesquisas, atendimentos e aulas realizadas pelo filósofo clínico Hélio Strassburger nos últimos vinte e seis anos. O interesse do autor pelos temas aqui tratados, mais tarde abordados pela filosofia clínica, inicia com sua história de vida, partindo de suas experiências com visitas a hospitais psiquiátricos dos nove aos dezenove anos de idade. Tal interesse foi traduzido em prática clínica quando, como terapeuta, pôde acompanhar internos em instituições psiquiátricas de Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e Juiz de Fora (MG).

O trabalho com partilhantes, apresentando raciocínios desestruturados, antes desaconselhados por Lúcio Packter, foi paulatinamente construído a partir dos pressupostos da própria Filosofia Clínica. A emancipação de estruturas de pensamento, considerando a singularidade dos indivíduos, se estendeu para quem, inicialmente, não podia ser atendido. Esses exemplos de construções compartilhadas com singularidades, à margem das imposições da normatividade e dos consensos, ganhavam espaço na clínica filosófica.

A paixão pela proposta inicial da filosofia clínica permanece sendo a motivadora do trabalho realizado por Strassburger. Essa é a razão pela qual, após dezessete anos de trabalho

junto ao Instituto Packter, muitos dos quais como diretor, o autor inicia a Casa da Filosofia Clínica. Neste projeto, ele tem a intenção de resguardar, aprofundar e aperfeiçoar a proposta iniciada e sistematizada por Packter, por meio de atendimentos, aulas, pesquisas, cafés filosóficos clínicos, grupos de pesquisa, colóquios e publicações.

Quem conhece algumas das obras escritas anteriormente por Hélio como as mais recentes *Pérolas imperfeitas: apontamentos sobre as lógicas do improvável*, de 2012, e *A palavra fora de si: anotações de filosofia clínica e linguagem*, de 2017, percebe uma linguagem própria do autor. Os textos resguardam a singularidade ao expressar seu conteúdo com um vocabulário sempre novo a apontar experiências irredutíveis ao conceito.

Na presente obra, Strassburger mescla apontamentos de um mestre, a ensinar didaticamente seus alunos, e os de um filósofo, ao levá-los à experiência do inédito, fruto das vivências de milhares de horas de atendimentos em consultório, escolas, hospitais, clínicas didáticas etc. Explica como professor e conduz – pelos caminhos da reflexão, do pensamento, da sensibilidade e da poesia – na direção ao mundo do outro.

A contínua formação teórica com a leitura de obras de poetas, romancistas, filósofos, antipsiquiatras etc., e o acompanhamento das demais expressões artísticas, em especial as da sétima arte, revelam as fontes da aguçada capacidade de observação das nuances de estruturas de pensamento sempre singulares. Esses estudos transparecem nas exposições escritas do autor.

Esta obra traz uma amostra das riquezas das infindáveis possibilidades de estruturas de pensamento a partir dos recortes literários. Os exemplos do consultório não esgotam a riqueza das possibilidades das singularidades. Por isso, recorrer aos poetas e romancistas pode abrir caminhos diante de

experiências limitadas. Nesse sentido, Ferreira Gullar em uma entrevista a respeito de poesia disse que a “arte existe porque a vida não basta”.

Ainda sobre recorrer à literatura, Aristóteles, em sua obra *Poética*, nos ensina que o historiador conta o que aconteceu e o poeta expõe o que pode acontecer. Daí a poesia ser mais filosófica do que a história, por abrir possibilidades. Em nossos dias, por outros caminhos, Heidegger também enfatizou a relevância do discurso poético. Seguindo nas esteiras de pensadores como o Estagirita e o autor de *Ser e tempo*, Strassburger recorre à literatura. Uma amostra de que o *logos* grego, mais do que significar razão, pode ser traduzido como discurso, como linguagem, tanto para a filosofia em si quanto para a filosofia clínica. A linguagem que anuncia o inédito porvir, às vezes sob o véu das lógicas do excesso ou do improvável.

Além disso, Hélio Strassburger recorre aos filósofos para compreender e fundamentar a prática. Tal como Lúcio Packter fez, entre os anos de 1980 e meados de 1990, ao recorrer à tradição filosófica para pensar a escuta dos partilhantes, Strassburger recorre aos autores que serviram como fonte de inspiração original para a sistematização do método, e a outros autores, a fim de qualificar sua reflexão sobre a clínica desde meados dos anos de 1990.

Um exemplo disso está em suas leituras de Hans-Georg Gadamer. O autor de *Verdade e método* foi fundamental para Packter pensar a noção do tópico *pré-juíço*, um dos trinta tópicos constitutivos da estrutura de pensamento. Strassburger recorre ao mesmo autor e destaca uma hermenêutica compreensiva, distante das hermenêuticas interpretativas de outras terapias, para pensar o acolhimento ao partilhante.

Resguardar a singularidade, elemento que destaca a filosofia clínica das demais metodologias terapêuticas, é um de-

safio. Nem mesmo os filósofos clínicos estão livres de construir modelos normativos para enquadrar seus partilhantes. A similaridade de alguns assuntos imediatos, sem uma abertura ao inédito que se desdobra, com a colheita da historicidade, passando pelos exames categoriais, a estrutura de pensamento e os submodos, pode dar margem à construção informal de padrões, modelos e regras velando a singularidade e o assunto último. Inclusive, Strassburger denuncia propostas de formação cujas ideias conduzem a construções tipológicas, avessas à ideia inicial.

Enquanto obra aberta, a filosofia clínica permite novas contribuições, contanto que seja resguardada a singularidade. Nesse sentido, os aprofundamentos reflexivos e as contribuições do autor são fundamentais para compreendermos esse revolucionário método.

Aos que desconhecem a clínica filosófica, as “anotações e reflexões de um consultório” são um mergulho em um novo paradigma, como nos acena Thomas Kuhn. Para os filósofos clínicos formandos ou em atuação, essa é uma verdadeira aula sobre os avanços da filosofia clínica de consultório. Estamos diante de um texto cuja riqueza contribui para os estudos de quem busca se atualizar, salvaguardando suas aspirações originais. Essa é uma obra de referência para a nova abordagem terapêutica.

Miguel Angelo Caruzo
Filósofo Clínico

Introdução

Os textos a seguir constituem uma noção e um convite à filosofia clínica. São constituídos de anotações e reflexões de um consultório em seus dias de atenção à vida. Notas para atualizar o discurso do novo método. Uma aproximação com a incompletude dos processos existenciais em cada pessoa, num vislumbre de seu desenvolvimento na atividade clínica.

Existem fundamentos que se integram à terapia do filósofo, como a fenomenologia dos discursos existenciais, pelos quais o partilhante descreve-se em versão própria, num convívio com as rotinas do inesperado; a hermenêutica compreensiva; o exercício da reciprocidade com os jogos de linguagem internados em cada um, permitindo acessar a singularidade em seus dias de processo; bem como o estruturalismo, a considerar e incluir a relação das partes com elas mesmas e o todo que a constitui. Uma dica para acessar a chave de leitura da estrutura de pensamento é identificar *por onde* a pessoa se diz, qual sua semiose preferida.

A reconstituição de determinados eventos passados, com base numa leitura atual, concede ao sujeito partilhante a possibilidade de reescrever sua história. Cuida-se, entre outros aspectos, da reconstrução de alguns momentos significativos, em que o ser filósofo clínico se multiplica no acolhimento e

na superação das contradições, tecendo seus dias numa interseção aprendiz. Sua prática oferece uma clínica da não obviedade. Ao acolher as vírgulas e reticências da singularidade, leva em conta as narrativas de cada versão. Se tivesse de escolher uma proposta de trabalho, numa terapia libertária, esta seria a busca do partilhante em recomeçar, para devolver o protagonismo a um sujeito, até então, distante de seu melhor. As tramas discursivas de consultório, no ir e vir das interseções, possuem a condição para realizar inúmeros deslocamentos, oferecendo ao partilhante outras vivências – uma estética para resgatar ângulos esquecidos, desconhecidos de si mesmo.

Seu eixo metodológico reconhece e acolhe as tratativas de emancipação das poéticas da singularidade, refugiadas em cada discurso existencial. Antes de localizar alguém existencialmente, pode ser preciso lidar com a inquietude dos momentos preliminares. São ensaios para algo indecifrável por inteiro, em que o filósofo clínico convive com uma estrutura de fenômenos multifacetados.

Ao filósofo compete aperfeiçoar sua aptidão de sentir e perceber os rastros do instante precursor, nos quais se apresentam as originalidades sob seus cuidados. Esse esboço compartilha análises, reflexões, críticas e algo mais sobre sua atividade. Talvez um diário de incompletudes, em que suas narrativas apresentam íntima relação com as práticas de consultório.

Com essa abordagem, a polifonia das crises anuncia sua transição entre um e outro padrão autogênico. Constitui o fenômeno da *desrazão* em um território privilegiado ao fazer terapêutico do filósofo. Esse estado de coisas costuma se apresentar numa dialética singular, em que o partilhante se desloca e experimenta-se em muitas direções conhecidas e/ou desconhecidas, num processo de reedição pessoal, condu-

zindo e atualizando sua memória aos dias atuais, formando uma espécie de renascimento a cada novo dia.

A abertura proporcionada pela via da interseção realiza um encontro de qualidade imprevisível, em que o vocabulário existencial pode ampliar-se. Ao decifrar a matéria-prima com a qual irá trabalhar, o filósofo, pela via da construção compartilhada, terá a possibilidade de localizar o território em que realidade e ficção se integram.

Seu constructo metodológico, tendo como ponto de partida a redução fenomenológica, vislumbra uma região de aspecto estranho. Quando um filósofo descreve essa observação investigativa, está propondo compreender e dialogar com o contexto partilhante. Nesse sentido, a nova abordagem possui uma representação diferenciada do fenômeno humano; as pessoas passam a ter nome, sobrenome, uma história de vida singular, linguagem própria, expressividade peculiar, estabelecendo um abismo com as lógicas da tipologia, da classificação desumana dos manuais psiquiátricos, os quais, ao oferecer diagnósticos, prognósticos, curas, normalidades, destituem a pessoa de seu ser sujeito em ação.

Este texto não é autobiográfico, embora seja reconhecível o traço da autoria em suas crenças, buscas e representações no curso de seu discurso. Reivindica, isso sim, oferecer uma atualização de leituras, contribuição aos estudos e o desenvolvimento do novo modelo terapêutico. Essa versão é a de quem teve o privilégio de conhecer e conviver com seu nascimento, por meio dos primeiros atendimentos, das críticas, de preconceitos, da conjugação dos sonhos e da sua proposta para oferecer algo diferenciado: a superação do entendimento cristalizado pelas instituições oficiais.

Talvez a dificuldade de alguns especialistas acadêmicos de entender a abordagem da Filosofia Clínica resida no

grau do seu óculo epistemológico, o qual costuma embaçar diante de novidades muito próximas do olhar. Ao visitar a perspectiva de alguns mestres universitários, é possível compreender suas dificuldades com os novos paradigmas, e isso pode ser compreendido por um exemplo: o novo método acolhe, em sua matriz teórica e prática, filosofias tão díspares e – aparentemente – contraditórias, como a Fenomenologia e a Analítica da Linguagem. Logo, é impossível entender esse fundamento tendo a visão ajustada para reconhecer sempre as mesmas verdades.

Um caminho para acessar os universos singulares, é desenvolver a atitude de espanto diante dos fenômenos que se apresentam, observando e investigando, para saber mais. É, também, compreendê-la como uma abordagem clínica em deslocamento, que se move por várias etapas do constructo metodológico, associando fundamentos que, teoricamente, seriam irreconciliáveis, se entendidos como gavetas. Na prática da Filosofia Clínica, se conjugam horizontes na dialética das sessões.

Fico pensando nas dificuldades que eu teria se tivesse optado por alguma outra formação clínica, talvez impregnada de classificações, tipologias, agendando patologias, a partir de uma leitura predeterminada que desqualifica conteúdos inéditos, presentes nas narrativas das pessoas, pelo foco de certo saber que, antecipadamente, já tem seu eixo interpretativo definido, distorcendo o fenômeno humano singular.

Em Filosofia Clínica se (re)conhece e há a prática de algo diferente, ou seja, a matéria-prima com a qual se trabalha é encontrada no contexto partilhante, a partir das visitas autorizadas aos seus jardins subjetivos. Um lugar inicialmente desconhecido, no qual o filósofo precisa ajustar seu padrão autogênico e ultrapassar os limites da primeira impressão,

aguçando sua escuta, visão e percepção de base fenomenológica para acessar os jogos de linguagem de cada partilhante, qualificando a interseção em busca de sua originalidade e reverenciando a prosa poética desses pretextos desmerecidos. Assim é possível constatar e compreender o ser inacessível como uma das qualidades da subjetividade, classificada pelas terapias da tradição nalguma forma tipológica, desvirtuando a atividade clínica.

Nesse vislumbre da clínica do filósofo, há a descrição de um papel existencial singular, o qual se ajusta – caso a caso – nos eventos de consultório. Um lugar de acolhimento às pronúncias daquilo, até então, desmerecido, que revela um protagonismo de si mesmo com os outros e, dos outros, com outros. Através da interseção cuidadora se esboça certa elaboração, pela qual se faz possível a ressignificação pessoal. E é importante o preparo para uma convivência com o inesperado dos atendimentos, semelhante a encontros em qualquer lugar, em um dia qualquer.

A proposta terapêutica esboçada nestas páginas se traduz em um lugar de acolhimento à errância, à desestruturação pessoal, como possibilidade de reescrever caminhos e integrar o sujeito com o seu melhor. Significa qualificar a intervenção cuidadora, em um chão oferecido pelo próprio partilhante. Me agrada saber que tenho meios, via construção compartilhada, para contribuir com a caminhada existencial das pessoas, seja pelos recursos identificados em sua estrutura de pensamento ou elaborados para seu melhor funcionamento pessoal. Posso encontrar nas palavras pronunciadas, caladas, uma fonte de múltiplas expressões, pela qual se estabelece a cumplicidade aos rascunhos do partilhante. Um desses subterfúgios em que a vida ensaia seus inéditos.

A clínica pode ser reconhecida como um espaço para compreender uma incompletude discursiva, ou uma crise, características importantes aos recomeços. As pessoas aprisionadas em manicômios ou em outra forma qualquer de interdição, possuem uma estranha habilidade para rasurar o quadro da normalidade, muitas vezes pelo simples fato de existir. Uma nova referência e um novo contexto podem ajudar as pessoas exiladas do convívio social, oferecendo uma zona de conforto existencial mais próxima de si próprias, e que consiga que exercitem sua condição singular irrepetível.

Nesse sentido, o livro reapresenta alguns fundamentos do novo paradigma, desde os primeiros anos até hoje. Os atendimentos iniciais, as repercussões nos princípios de verdade, as críticas e superações, os aprendizados, são essenciais para entender seu nascimento e desenvolvimento. As páginas a seguir propõem qualificar práticas e contribuir com a pesquisa e os processos de conhecimento. Nelas se pode, dentre outras coisas, decifrar os fenômenos da atividade clínica, em que eu e o outro, pela via da interseção, constituem algo mais.

É importante lembrar de que não se aprende filosofia clínica com textos (de fonte duvidosa) na internet, os quais estimulam equivocidades e desconhecimento, ou seja, um não saber. O convívio entre professor-aluno é indispensável ao processo de ensino-aprendizagem, e as boas ferramentas da tecnologia podem ser uma base aos estudos.

A proposta, aqui, é diminuir o número de ignorantes diplomados. Para além das aulas da especialização, após a graduação em Filosofia, destaca-se a adição de leituras, filmes grupos de estudo, colóquios e cafés filosóficos clínicos, terapia pessoal e supervisão. E esta concepção é realidade na Casa da Filosofia Clínica.

Com esses textos, são oferecidos alguns manuscritos recuperados das múltiplas interseções entre calma e tempestades. Uma descrição de nuances de acolhimento e cuidado com o ritmo das estações de cada um, seus desdobramentos, as singularidades e a inédita condição de redigir seus originais. Quiçá seja um convite para as pessoas saberem mais sobre a clínica do filósofo.

Boas leituras e releituras!

HS